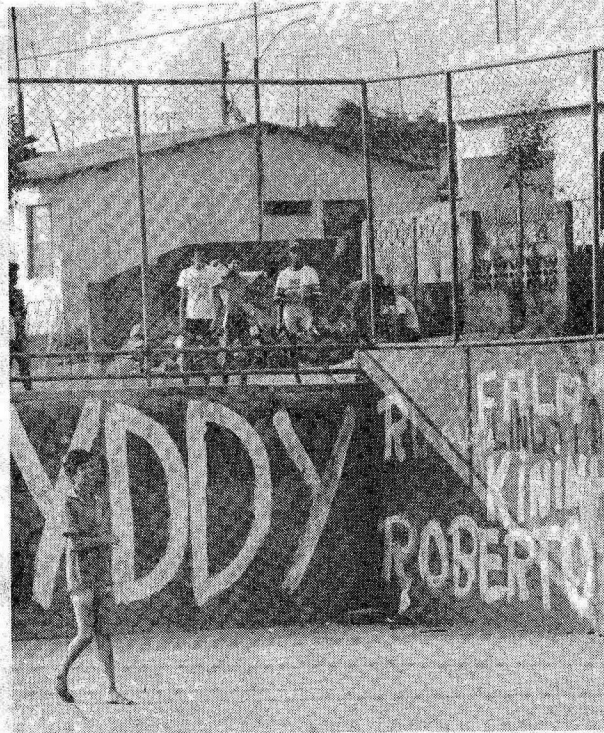


Só altas muralhas tranquilizam as escolas

Arquiteto discorda da construção, mas a insegurança fala mais alto e a promessa é feita

FOTOS: FRANCISCO GUALBERTO



Sem muros, escolas são alvo fácil para desocupados. Mesmo as quadras esportivas cercadas são invadidas e por isso estão quase desativadas

LEONEL ROCHA
Da Editoria de Cidade

No relatório do Departamento de Engenharia da Fundação Educacional do Distrito Federal há uma justificativa estranha. A diretoria de uma escola classe quer um muro para tentar evitar invasões de estranhos, depredações, assaltos, roubos e até risco de vida dos funcionários, professores e alunos. Tecnicamente o arquiteto não vê necessidade do muro. Mas a realidade fala mais alto e a promessa é feita.

Para desespero da diretoria o muro demora a ser feito. Enquanto isso, as crianças na hora do recreio brincam num pátio pequeno e inadequado ao lazer ou outra atividade extra-sala qualquer. A escola termina perdendo uma área importante entre as paredes das salas e a cerca, onde estranhos têm acesso e fazem ameaças.

Esta história pode ser contada por dezenas de escolas, principalmente em áreas como Ceilândia e Taguatinga. O estado físico geral destes prédios é prova de que o apedrejamento é comum. Os estudantes já começam a assimilar uma nova matéria: a defesa pessoal, com uma didática específica e que ultrapassa os deveres de casa ou a sala de aula.

DESESPERO

No início desta semana um grupo de garotos invadiu o Centro Educacional nº 5, em Ceilândia, e ameaçou alunos e professores. Um dos estudantes estava visado. Era Juari Feitosa da Silva, 17 anos, que estuda à noite. O seu colega Sudney Pereira Lira, da mesma idade, também. Os dois rapazes conseguiram fugir, e no desespero da mãe Rosilda Maria da Silva fez com que Juari desistisse de continuar estudando.

Dona Rosilda é pernambucana da cidade de Pesqueira e jura que vai voltar para seu Estado depois das ameaças sofridas pelo filho. "Eu tenho boa vizinhança, amigos e trabalho aqui", desabafa ela, "mas não vou perder um filho". Quando Juari saía para a escola dona Rosilda não sossegava. Agora, com a desistência do garoto, ela "vai arrumar as malas".

A direção do Centro Educacional não tomou conhecimento da invasão. Nem a 19ª DP, apesar de o delegado de plantão na noite da briga ter sido informado e mandado uma patrulha ao local. A diretora do colégio, Edelzuita Coelho de Souza garante que as brigas começam fora do colégio e depois os alunos terminam trazendo a confusão para dentro da escola. Existem brigas de grupos na Ceilândia, o que termina prejudicando o trabalho didático que se tenta fazer, já que a escola termina sendo o palco livre das desavenças.

No Centro Educacional nº 5 trabalha um policial militar. O horário dele não é permanente (e nem poderia), o que deixa insatisfeita a direção da escola com relação à segurança. Não é comum um policial armado nas portas das escolas. Mas no Distrito Federal está se transformando em única e falha alternativa.

Dona Rosilda Maria da Silva garante que os desocupados que tentaram matar seu filho chegaram a ser presos. Mas na 19ª DP não existe qualquer registro. O relato de Dona Rosilda nem foi ouvido pelo delegado-chefe da 19ª DP ou por seu substituto. Ela, que é funcionária da Fundação Educacional, está disposta a pedir demissão e abandonar o Distrito Federal.

FRANCISCO GUALBERTO



Dona Rosilda resolveu "arrumar as malas"

ASSALTOS

A insegurança de professores e alunos não pára nestas brigas. Na Escola-Classe 3, também na Ceilândia, várias professoras já foram assaltadas por pequenos ladrões. Eles entram nas salas de aula e roubam correntes e relógios. Na EC 3 existe um guarda da PM durante o dia. Mas a segurança não é suficiente. O vigia noturno não a garante, e a diretoria está preocupada com o tempo em que a escola fica "descoberta".

Os alunos da EC 3 são, na maioria, meninos de até 10 anos. Não podem e não devem reagir a um assalto mesmo praticado por outro menino um pouco maior. Esta ameaça permanente impede que todo o espaço da escola seja usado. Apesar de cercada de muros altos, a quadra esportiva da EC 3 raramente é usada até mesmo para o recreio.

Os dois filhos de Dona Rosilda já chegaram em casa apenas de cuecas. Perderam a roupa nas ruas escuras entre a escola e a casa. Rua escura ao redor dos colégios na Ceilândia e Taguatinga é o que não falta. Muitas vezes, como é o caso da Escola-Classe 3, de Taguatinga, apenas as duas lâmpadas (deveriam ter quatro) da frente do prédio se encarregam de iluminar as vias de acesso.

QUADRAS

Um espaço que deveria ser usado normalmente pelas escolas, as quadras esportivas, são verdadeiros campos perigosos. Em alguns casos, estas quadras ficam cercadas por muros e mesmo assim estranhos à escola costumam entrar e atrapalhar as aulas de educação física, por exemplo. Principalmente se a aula é das meninas.

Nos colégios maiores o problema se agrava. No Centro Educacional nº 5, onde estudam 2 mil 800 alunos nos quatro turnos (criados por falta de salas para atender à demanda de alunos), os estudantes são obrigados a conviver com outros meninos de 16 a 17 anos que atrapalham o trabalho. A cerca que protege as quadras, que ficam fora da área mais guardada da escola, freqüentemente está com buracos. O portão é de fácil acesso. Os professores se queixam de que não podem enfrentar oito ou 10 rapazes de 16, 17 e até 18 anos e por isso "fazem olho grosso".

Isto tudo acontece durante o dia, quando um policial militar monta guarda no portão principal. Mas a Polícia não pode fazer muita coisa porque os rapazes são menores. As famílias vizinhas costumam se queixar e apontar os grupos de vadios, responsáveis pela depredação das cercas dos colégios.

ENSINO

O medo de assaltos e outro tipo de violência desponta antes mesmo de a professora começar a dar aulas à noite. É o caso de Vera Lúcia Oliveira de Vencenzo. Ela mora no Plano Piloto e quer ensinar no Centro Educacional nº 5. Mas resiste à idéia de trabalhar à noite também por falta de segurança.

Para a direção de alguns colégios é difícil encontrar professores que morem no Plano Piloto (ou mesmo nas cidades-satélites) que aceitem com facilidade o trabalho noturno. Quando as aulas terminam muito tarde, este problema é agravado. No ano passado, na saída de um dos colégios da Ceilândia, uma professora foi assaltada e morta. O fato chocou, mas a violência continua.